

O programa trotskista e a premissa da “estagnação das forças produtivas”

Andriei da Cunha Guerrero Gutierrez¹

1 – TEORIA, PROGRAMA E TÁTICA

É muito comum nos dias atuais falar-se em estratégia do partido revolucionário. Muitos marxistas deixam-se levar por essa questão e abandonam um ponto fundamental na prática revolucionária que é o programa revolucionário. Contudo, para que não caiamos em uma prática reformista, ou até mesmo sectária, nós marxistas devemos *distinguir de uma forma clara e gradual as diferenças entre programa revolucionário e tática revolucionária, como também definir a teoria que dá amparo a ambos.*

Mas e a estratégia? Onde entra? A palavra “estratégia” deriva da palavra grega “*stratégia*”, que significa a arte de conceber operações de guerra em planos de conjunto. Já “programa”, palavra oriunda do latim “*programma*”, significa a exposição resumida que um partido ou um indivíduo faz dos seus princípios e do caminho que se propõe seguir². A diferenciação é muito clara. A caracterização de programa vai muito além do que uma mera concepção de planos complexos para atingir um determinado objetivo. Na tradição marxista, os princípios representam a prática de toda a ciência desenvolvida a partir do materialismo histórico, daí toda a sua importância. Por isso, o caráter geral que dá o significado do pro-

- - - - -

¹ Mestre em Ciência Política no IFCH/Unicamp.

² *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos, 1987 (Encyclopaedia Britannica do Brasil).

grama tem a ver com a teoria. Isto está implicado diretamente na condição dos “princípios”. Sem teoria, um partido (ou uma corrente revolucionária) perde toda e qualquer referência à noção de programa: “sem teoria revolucionária não há prática revolucionária”, já dizia Lenin.

O programa é previamente estabelecido pela teoria, tem uma caráter *rígido*. É definido em relação à organização social da produção, às formas políticas de manutenção dessa organização e à consciência e organização do proletariado. São essas três condições estruturais que determinam o programa revolucionário. As variações de fundo conjuntural não interferem diretamente na delimitação programática. Podemos assim dizer que o programa é *geralmente* (o que não quer dizer necessariamente) concebido para o *longo prazo*.

Diferentemente, as determinações de ordem táticas estão mais expostas à variação conjuntural. Isto é, a tática varia ao sabor da conjuntura, ela é *flexível*. Ela não necessariamente é prevista para um longo prazo. Mas ela tem um condicionante: sempre deve estar de conformidade com o programa. Em conseqüência, também deve estar em consonância com a teoria.

Essa delimitação não vem de hoje. É Lenin, o “maquiavel” da prática marxista, quem a definiu. Podemos ver em Lenin um cuidado todo especial com essa questão. Em sua obra *Dois táticas da social-democracia na revolução democrática*, por exemplo, ele não se propõe a discutir o programa com a fração menchevique. Discute apenas as proposições de ordem táticas. Ou seja, o seu programa é o mesmo. O que principalmente define a tática de Lenin é a sua avaliação concreta da situação russa. País predominantemente agrária, tipo “asiático” – como ele denomina –, deveria ter uma tática que aliasse operários (classe revolucionária) e camponeses (maioria da população russa em estado de pauperização) na realização de uma *ditadura democrática do proletariado e do campesinato*; haja vista que a burguesia se apoiaria, num determinado momento, na aristocracia czarista para frear as reivindicações democráticas de caráter mais radical – como a questão da constituição da república constitucionalista e do sufrágio universal. É a partir dessa análise concreta que se evidencia o caráter socialista da tática de Lenin frente ao utopismo menchevique que propunha a aliança com a burguesia liberal. Mas o programa permanece o mesmo: revolução democrática, condição prévia necessária à revolução socialista³.

3 Vladimir Ílich Lenin, “Dois táticas da social-democracia na revolução democrática”. In: *Obras escolhidas* (em 3 volumes). São Paulo, Alfa-Omega, 1986, pp. 381-472.

2 – TROTSKY, O PROGRAMA DE TRANSIÇÃO A “ESTAGNAÇÃO DAS FORÇAS PRODUTIVAS”

Trotsky, como notável intelectual que era, entendeu corretamente essa premissa de Lenin. Ele foi conseqüente ao levar em consideração esses elementos no desenvolvimento do seu *Programa de Transição*.

A teoria que dá sustentação à formulação do programa de Trotsky é a sua teoria da *revolução permanente*⁴. Em contraposição a Lenin que defendia a *ditadura democrática do proletariado e do campesinato*, Trotsky vai defender a palavra de ordem de *ditadura do proletariado*. Isso se deve à avaliação que Trotsky tinha acerca da pequena-burguesia e do campesinato. Segundo ele, como ambos eram “incapazes de jogar um papel político independente”, classista; teriam uma plataforma política oscilante: ou apoiariam a burguesia liberal, ou o proletariado revolucionário (o único agente capaz de levar adiante, segundo Trotsky, os interesses da pequena-burguesia e do campesinato). Assim, para ser conseqüente com a teoria (da revolução permanente), Trotsky diz ter anulado a separação existente entre os dois programas (mínimo, democrático e máximo, socialista) e proclamado o Programa de Transição⁵.

Na sua interpretação de ordem tática, Trotsky lança mão de “reivindicações transitórias”. As “reivindicações transitórias” consistiriam em uma série de reivindicações “justas”, no plano do capitalismo, mas que, segundo Trotsky, jamais poderiam ser atendidas pela burguesia, dada a estagnação das forças produtivas. Para ele, apesar dessas reivindicações não ultrapassarem os limites do capitalismo, elas não estão em discordância com o seu programa. Isto se dá devido a sua avaliação estrutural de que as forças produtivas do capitalismo estagnaram.

Partindo da premissa da estagnação das forças produtivas, Trotsky acredita que “as reivindicações transitórias seriam a ponte entre a reivindicação das massas e o programa de revolução socialista” (lê-se o Programa de Transição). Isso se daria dada a impotência da burguesia em atender as reivindicações, fato que levaria os trabalhadores a terem consciência de sua condição de classe explorada, como também da eventual necessidade de superação da organização social da produção (isto é, capitalista). Como podemos ver, a coerência da combinação de seu programa com a sua tática

4 Este estudo foi feito a partir da análise das obras de Leon Trotsky: *1905 et Bilan et Perspectives* (Paris, Minuit, 1969) e *La révolution permanente* (Paris, Gallimard, 1964).

5 O que na prática não deixou de ser a anulação do programa mínimo.

depende da “aposta” na conscientização (e na mobilização) das massas a partir das reivindicações transitórias. Sem essas reivindicações (e a crença na sua eficácia), Trotsky cairia num economicismo sectário.

Trotsky chega a falar que “as diversas reivindicações irão depender das particularidades de cada país”. Contudo, em nenhum momento o vemos falar que o programa mudaria, seja num país onde as forças produtivas estivessem em um estágio avançado, seja nos países de dependência colonial, com baixo crescimento das forças produtivas⁶. Tal qual Lenin, Trotsky também não fala em estratégia.

Agora, com essas considerações em mãos, analisemos as características de alguns dos herdeiros do legado de Trotsky.

3 – ERNEST MANDEL, NAHUEL MORENO E PIERRE LAMBERT FACE AO DESENVOLVIMENTO DAS FORÇAS PRODUTIVAS DO CAPITALISMO

Trotsky escreveu seu Programa de Transição em 1938, na criação da Quarta Internacional. Nessa época, partindo da análise de que as forças produtivas teriam estacionado, ele previu para o período do pós-guerra um ascenso inimaginável do movimento operário em escala internacional.

Findada a Segunda Guerra Mundial, o capitalismo mundial teve um novo alento com a reconstrução da Europa e com a criação do Estado de bem-estar social. A política econômica baseada nas concepções de Keynes, que orientava para uma maciça intervenção estatal na condução da economia, o advento da industrialização de massas e a ampla rede de proteção social adotados por alguns países levaram o nível de vida do trabalhadores desses países a patamares jamais vistos.

Nessas condições, a Quarta Internacional foi sacudida pelos acontecimentos em escala internacional. Os principais teóricos herdeiros do movimento trotskista – já sem Trotsky, assassinado em 1941 – iniciaram um debate que marcou a história deste movimento. Alguns trotskistas se adequaram à situação e aceitaram a ocorrência de um crescimento econômico capitalista, ao fazê-lo trouxeram uma série de implica-

- - - - -

6 A única distinção colocada por Trotsky em relação à diferenciação da revolução nos países avançados ou dependentes é a de que estes poderiam chegar antes à ditadura do proletariado (dada a lei do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo) mas que os primeiros tinham condições de chegar mais rápido ao socialismo. Em Leon Trotsky, *La révolution permanente*, op. cit.

ções para o conjunto de seu programa, como é o caso do belga Ernest Mandel. Outros preferiram manter radicalmente a posição de Trotsky, não aceitando nenhum argumento de crescimento, como Nahuel Moreno. E ainda há aqueles, como Pierre Lambert, que postularam que houve um desenvolvimento econômico, mas que foi impulsionado pela “economia de armamentos” e pela destruição, não podendo ser atribuído às forças produtivas.

Ao contrário de Trotsky que decretava que as forças produtivas do capitalismo teriam estagnado, Mandel introduz uma nova interpretação acerca do desenvolvimento do capitalismo. Segundo essa concepção, “a história internacional do capitalismo se apresenta não apenas como sucessão de ciclos industriais que se estendem por sete ou dez anos, mas também como sucessão de períodos longos, de cerca de cinqüenta anos”⁷. Graças à ocorrência de uma “terceira revolução industrial”, estaríamos vivendo no pós guerra uma transformação das técnicas de produção (produto da corrida armamentista) que levaria, por sua vez, a um ciclo de expansão capaz levar a uma nova etapa histórica desse sistema. Isso seria reforçado pela industrialização dos países subdesenvolvidos, com uma nova burguesia, que seria outro suporte da tendência expansiva a longo prazo nos países capitalistas avançados⁸.

Ao basear-se em uma nova teoria econômica, Mandel abandona progressivamente o Programa de Transição de Trotsky. As “reivindicações transitórias” perdem assim, todo o seu potencial de ponte para a revolução.

Abandonando a premissa trotskista da “estagnação das forças produtivas”, Mandel também deixa de lado parte importante da teoria da revolução permanente que diagnosticava a possibilidade de revolução operária nos países menos desenvolvidos, possibilidade que era calcada na crença de Trotsky na “lei do desenvolvimento desigual e combinado” do capitalismo. No livro *Marxismo revolucionário atual*, Mandel deixa claro a sua orientação tática aos proletários dos diferentes países do globo⁹. Fica explícito o critério utilizado por ele: o grau de desenvolvimento das forças produtivas. Será a partir deste grau, que ele define as tarefas a serem seguidas pelo movimento operário.

A proposta de Mandel para os países imperialistas e “subdesenvolvidos mais adian-

- - - - -

7 Ernest Mandel, *Le troisième âge du capitalisme*, Paris, Union Générale, 1976, p. 234.

8 Ernest Mandel, *Iniciação à teoria econômica marxista*, Lisboa, Antídoto, 1978, p. 77.

9 Em Ernest Mandel, *Marxismo revolucionário atual*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

tados” é a seguinte: “mobilização e organização sistemática das massas assalariadas pelo movimento operário em torno de reivindicações anti-capitalistas¹⁰, em condições de crise social e política”¹¹. Para os países “semi-industrializados”, a ordem do dia é a “independência política para a classe operária e para o movimento trabalhista e o rompimento dos laços políticos e de organização com o nacionalismo burguês e pequeno-burguês”. Já para aqueles países que se encontram em uma situação caracterizada por Mandel de “atrasada”, seria necessário ao movimento operário uma aliança “sob a direção” pequeno-burguesa¹². Isso demonstra que, para se adequar à nova situação mundial do pós-guerra, Mandel renúncia ao núcleo principal do Programa de Transição e da teoria da revolução permanente de Trotsky.

Ao contrário de Mandel, Moreno mantém a tese de Trotsky de que as forças produtivas estagnaram. Nega todo e qualquer crescimento “real” das forças produtivas. O argumento de Moreno seria o de que Trotsky não teria errado ao prognosticar a crise das forças produtivas e ao dizer que “o capitalismo agonizante está falindo”. Na sua argumentação ele se baseia numa série de dados estatísticos relativos à nutrição da população em diversos pontos do globo¹³.

10 O que quer dizer essa construção terminológica no contexto de Mandel? “Reivindicações anti-capitalistas”? Uma vez que ele descartou o Programa de Transição – ao descaracterizar sua teoria de estagnação das forças produtivas, deixando as reivindicações transitórias sem sua função principal, de ponte para a revolução socialista –, nos perguntamos: será que ele quer reivindicar o socialismo à burguesia?

11 Ernest Mandel, *idem*, p. 94.

12 *Idem, ibidem*, p. 92.

13 Sobre esse aspecto Moreno diz:

“E a realidade atual dá toda razão a Trotsky: o anuário da FAO (Organização de Alimentação e Agricultura da INU) de 1971 nos informa que 60% da humanidade não chega às 2.200 calorias (ou seja, sofre de fome crônica, já que são necessárias, no mínimo, 2.700 calorias); e 13% consomem entre 2.200 e 2.700, ou seja, estão em estado pré-famélico. Em relação às proteínas, o elemento mais importante na alimentação, segundo Josué de Castro (autor de *Geopolítica da fome* e de *Geografia da fome*), o panorama é mais desolador ainda. Com exceção dos EUA, Reino Unido, Oceania, Argentina, Uruguai, Canadá, Alemanha, Suécia, Suíça, Noruega, Dinamarca, França, Bélgica, Países Baixos, Áustria e Finlândia, todo o restante do mundo capitalista (ou seja, dois terços da população) está abaixo das 25 gramas diárias de proteína por habitante, muito abaixo das 40 gramas mínimas necessárias para um desenvolvimento normal da vida. Esse panorama fica ainda mais sombrio se levamos em conta que a Índia, Indonésia e o Paquistão estão abaixo das 7 gramas, seis vezes menos, portanto, do que se necessita para viver.

Esta situação calamitosa não tende a melhorar; as cifras indicam o contrário, e também demonstram que Trotsky e Lenin tinham razão. A FAO informa que o consumo de calorias nas regiões atrasadas do mundo – Ásia, África e América Latina (1,8 bilhão de habitantes, tirando a China) – foi de 2.130 na pré-guerra, 1960 no pós-

Podemos ver em Moreno uma simplificação da análise concreta da situação mundial. É impossível negar um crescimento econômico e uma melhoria na qualidade de vida das massas no pós-guerra, mas ele consegue fazê-lo (pelo menos tenta).

Não seria errado dizer que Moreno mantém a coerência da teoria da revolução com o Programa de Transição. Ou seja, há um programa revolucionário, pelo menos no plano conceitual, teórico.

Pierre Lambert desenvolve uma proposta mais concisa. Defende a tese trotskista da estagnação das forças produtivas, porém, ele não o faz como Moreno, pela simples negação baseada nos índices de nutrição da ONU. Lambert defende a estagnação das forças produtivas, mas para ele, após a Segunda Guerra Mundial teria havido uma forte tendência do capitalismo imperialista em inversões no setor de armamentos. Isto teria permitido um crescimento ilusório da economia mundial, que de forma alguma representaria o crescimento das forças produtivas. Lambert chega a dizer que houve uma “transformação das forças produtivas em forças destrutivas”.

O motor, da economia do lucro é então a injeção crescente de créditos militares, o mais intenso desperdício de trabalho humano. Assim, as forças produtivas não tem mais hoje a finalidade de acrescer a riqueza material da humanidade, mas transformam-se sob nossos olhos em seu contrário, em forças de destruição. O capitalismo, antes progressivo, tornou-se, com o imperialismo, a reação em toda a linha. [...] E nos dirão que o programa da Quarta Internacional não foi confirmado pelos fatos, que as forças produtivas continuam a crescer!¹⁴.

Lambert chama esse movimento de “economia de armamento”. Segundo ele, os créditos militares subtrairiam, momentaneamente, do mercado, uma parte das forças produtivas para atribuir-lhes uma destinação improdutivo; mas a fração correspon-

guerra e 2150 em 1960. Quanto às proteínas, as cifras são de 10, 8 e 9. Neste último caso, fica claro que houve uma queda absoluta em relação à pré-guerra. Quanto às calorias, apesar das cifras parecerem indicar o contrário, a própria FAO reconhece que ao aumentar fabulosamente o índice de crescimento vegetativo, são necessárias muito mais calorias, já que as crianças precisam mais que os adultos. Esta média não foi feita, mas daria evidentemente como resultado que cada vez se consome menos calorias e proteínas do que a humanidade necessita.

(...) No mundo capitalista há cada vez mais fome e desocupação”. Em Nahuel Moreno, *O partido e a revolução*. S/ l, Desafio, 1996, pp. 280-281.

14 Pierre Lambert, *As forças produtivas pararam de crescer*. Extratos do informe de Pierre Lambert ao CEM em janeiro de 1969, republicado na Edição do Programa de Transição da revista *La Verité*, junho de 1989.

dente do capital social continuaria seu movimento, distribuiria salários, lucros, etc. Essa fração do capital inserir-se-ia novamente na economia e a transformação desta economia dita de paz em economia de armamentos encontraria seus limites. Aqui, o prognóstico feito por Lambert é catastrófico. Segundo ele, com a reintegração da URSS, da China e dos países de democracia popular no seio do circuito do imperialismo mundial estaríamos caminhando para a terceira guerra mundial¹⁵.

A argumentação de Lambert é mais concisa que a de Moreno. Contudo, se levarmos em consideração que a “economia de armamento” consegue fazer a reprodução do capital (seja através da geração de empregos, seja através do impulsionamento das economias, etc), sem que haja a tendência à ampliação da super-exploração dos trabalhadores, podemos dizer que a formulação de Lambert condena toda eficácia que poderia vir a ter Programa de Transição. Isto porque tiraria todo o poder “educativo” das “reivindicações transitórias”, base fundamental de todo o programa. Quanto à argumentação de que esse sistema baseado neste tipo de economia conduziria inevitavelmente a uma guerra (podendo-se sugerir o prenúncio de uma crise revolucionária), a história fez o favor de negar sua possibilidade.

4 – CONCLUSÃO

Concluimos que o programa trotskista está estritamente ligado à teoria da revolução permanente. Sem esta ligação, o programa trotskista perde toda a sua consistência: deixa de lado o caráter proletário da revolução permanente, entendida como revolução sem etapas; como também deixa de lado o caráter internacional da revolução permanente. Desta mesma forma, concluimos também que a tática trotskista, expressa nas “reivindicações transitórias” é determinada pela avaliação estrutural de que há uma estagnação das forças produtivas. Sendo assim, a não aceitação da teoria da revolução permanente, assim como negação da estagnação das forças produtivas levam inevitavelmente à invalidação do programa trotskista.

Em relação ao estudo dos autores trotskistas, pudemos observar duas tendências. A primeira é que caso se leve adiante uma análise concreta da situação mundial, aceitando assim o crescimento das forças produtivas do capitalismo a partir do pós-guerra, inevitavelmente deve haver uma revisão do programa, e conse-

¹⁵ *Idem, ibidem.*



quentemente da tática, trotskista. Tendência esta observada na postura de Ernest Mandel. Em contrapartida, a manutenção do programa trotskista implica a defesa incondicional da estagnação das forças produtivas e da teoria da revolução permanente, o que pode levar a uma abstração da situação concreta em função da coerência do programa – como o fazem Nahuel Moreno e Pierre Lambert.